

GUIMARÃES, M. M. **A pessoa do Messias nas festas bíblicas.** Ensinando de Sião, 2000. 2 ed. 150p. Resumido por JLHack em janeiro/2002. [Livro de autor judeu messiânico, que procura resgatar o sentido profético das festas bíblicas do AT. Incentiva a celebração atual destas festas pela Igreja. Posição sabatista].

1. Igreja x Israel: ao longo dos séculos, a Igreja se separou de suas raízes judaicas, negando de tal forma sua origem que fomentou a perseguição aos judeus (desde 313 que tornava as sinagogas ilegais e declarava a terra de Israel como pertencente à Igreja).

2. O gentio pode celebrar festas judaicas? Cl 2.16-17 ensina que as festas são sombras de coisas vindouras. Elas apontam para o Messias Jesus e por isso eram celebradas pela Igreja até o século 3. As festas do AT devem ser celebradas novamente hoje, dentro do contexto profético no qual foram inseridas. Elas nos revelam Cristo, promovem unidade no Corpo e nos incentivam à santidade e à autoavaliação espiritual.

3. Hag Pesach (Páscoa): tem uma mensagem em três pontos: a) o sangue do cordeiro nos umbrais significa o novo nascimento pelo sangue de Jesus (Êx 12.7; Rm 5.8-9; 1Co 2.6); b) o êxodo do Egito indica nossa libertação do mundo e do pecado; c) o Senhor passa e estabelece juízo aos deuses (demônios) locais. A refeição pascal consiste de três elementos: o cordeiro assado, o pão sem fermento e as ervas amargas (almeirão, escarola ou alface romana). Pesach significa “passar por cima, saltar”, referindo-se ao Anjo que matou os egípcios e saltou os israelitas. A festa tipifica o Cordeiro que foi morto (Jo 1.29; 1Co 5.7). Os pães asmos tipificam o Salvador puro e santo (sem fermento), assim como o fruto da vinha não fermentado (suco de uva e não vinho). As ervas fazem recordar o tempo de aflição no Egito. Podemos comemorar a festa em família, na igreja ou na localidade.

4. Hag Hamatzot (Pães Asmos): Lv 23.6-8; Êx 12.15 demonstram que durante uma semana não se deve comer nada fermentado. Os judeus aproveitam o período para uma limpeza anual da casa (removendo coisas velhas, sujas, mofadas). O objetivo da festa é relembrar a mudança de vida ganha com a libertação do Egito (Dt 16.3). O fermento simboliza o mal e a corrupção (Mt 16.6; Mc 8.15; 3.6) que silenciosamente contamina toda a massa (Mt 13.33). Nestes dias devemos meditar sobre nossa libertação do Egito e do fermento, celebrando a nova natureza de Cristo em nós: nele estamos livres do poder do pecado. Devemos celebrar esta festa (1Co 5.7-8) buscando arrependimento diante do Senhor.

5. Hag Bakurim (Primícias): Lv 23.9-14 fala dos primeiros frutos, celebrada após o Hamatzot. Após o novo nascimento, devemos apresentar frutos de arrependimento. O cordeiro, a farinha e o vinho falam do corpo e do sangue de Cristo, que é a base para ofertarmos a Deus. São ofertas de pequenas porções que ilustram o início da santificação que o Espírito produz em nós.

6. Hag Shavuot (Pentecostes): também conhecida como Festa das Semanas (Lv 23.15-21), celebrada sete semanas após Bakurim. A oferta agora consiste de dois pães levedados, que representam crentes maduros (contaminados pelo pecado). Os dois pães representam o povo de Deus: Israel e a Igreja. Os sete cordeiros falam da plenitude de Deus em nós, o novilho fala de alegria e os dois carneiros falam da beleza do caráter de Jesus. Isto tudo representa a presença do Espírito Santo entre nós, distribuindo seus dons para nos santificar e levar à maturidade em Cristo. Mesmo o crente cheio do Espírito precisa apresentar a oferta pelo pecado (bode). Nesta festa, nos conscientizamos de que fomos libertos para servir ao Senhor e sermos filhos maduros. Em Pentecostes, celebra-se também o nascimento da Igreja pelo derramar do Espírito sobre os discípulos (At 2.1-4), cumprindo as profecias de Ez 11.19-20; Zc 12.10; 13.1; Jl 3.1. Shavuot é ação de graças pela colheita dos frutos da terra e pelo fruto e dons do Espírito entre nós; é a festa do Espírito e do nascimento da igreja. Na Páscoa, nos libertamos DO Egito, em Shavuot, nos libertamos PARA servir.

7. Hag Zikaron Teruah (Trombetas): sete meses após a Páscoa, começam as três últimas festas, numa sequência de 3 x 7 dias. Elas apontam para a volta do Messias. Lv 23.23-24 determina

uma santa convocação, como preparamos para o toque final da trombeta (1Ts 4.16-18; 1Co 15.52) em Sucot. Esta preparação é uma vida de santidade, aguardando a volta do Messias. A festa toda se estende por dez dias, começando com o Rosh Hashanah (1º dia do ano civil judaico), nome pelo qual ficou conhecida esta festa após o exílio. É também um dia em que se entroniza Deus como o Rei da nação e de nossas vidas.

8. Hag Kipurim (Exiação): Lv 23.27-31 determina um tempo para arrependimento coletivo. Nestes dias os judeus confessam suas falhas individuais e como nação. Infelizmente, esta confissão os leva a pensar que estão ok com Deus. No Yom Kippur, os judeus jejuam por 24 horas e é como um feriado em Jerusalém – muitos vão às sinagogas orar. A igreja precisa aprender também a estabelecer um tempo de confissão e arrependimento, uma vez que temos acesso ao sangue que realmente tira o pecado.

9. Hag Sucot (Tabernáculos): comemorada no 15º dia de Tishri (14 dias após o Rosh Hashanah). Apresenta o Messias tabernaculando entre nós (Jo 1.14). Também chamada de Festa da Colheita (Lv 23.33-43). Durante uma semana, o povo de Deus voltava a habitar em tendas para se livrar da vaidade dos bens e se conscientizar da dependência de Deus. Por ser pequena, a sucah (tenda) nivela todos e os aproxima. É um frágil e improvisado abrigo, mas resistiu aos séculos porque seu sustento é divino. Reflete um tempo de celebração e alegria. Havia um cortejo de sacerdotes e corais que, recitando os salmos 113 a 118, enchiham no tanque de Siloé uma vasilha de prata com água e a derramavam no altar do templo (cf. Jo 7.37; Is 55.1; 44.3). Havia grande número de sacrifícios (Nm 29.12-34). Jesus é o cumprimento do Deus conosco. Será uma festa comemorada no milênio (Zc 14.16-21).

10. O Shabat (sábado): significa “cessar, descansar” e se refere ao 7º dia da semana. Nele Deus descansou e nos ordenou a fazermos o mesmo (Êx 20.8), nos regozijando com a criação de Deus. Dt 5.15 ordena a guarda do sábado com base na libertação que Deus proveu. Êx 23.12 menciona a necessidade de um descanso periódico. Êx 31.17 e Ez 20.12 falam do sábado como sinal da aliança de Deus com os homens. Mas a guarda do sábado não tem qualquer valor salvífico; por outro lado, embora livres do legalismo e do jugo da lei, devemos continuar aplicando seus princípios. Jesus é o cumprimento da lei (Mt 5.17; Rm 10.4). Embora ele tenha ressuscitado no 1º dia, foi o 7º que Deus ordenou guardar. Jesus e seus discípulos o guardaram, assim como a Igreja primitiva. O shabat é mais que um descanso e dia para meditarmos nas coisas de Deus, é sinal do relacionamento com Deus, um dia de festa e comunhão com o Criador.

11. Resumo: as festas falam do crescimento espiritual de cada cristão. No correr do calendário, elas indicam a conversão (Páscoa), a santidade do novo homem (Asmos), os frutos de arrependimento (Primícias), as bênçãos do Espírito (Pentecostes), a expectativa de volta do Messias (Trombetas), arrependimento coletivo (Exiação) e a busca do fruto do Espírito e manifestação do caráter de Deus (Tabernáculos).

12. A história e as festas: as festas tipificam a obra do Messias: a Páscoa e os Asmos falam do Cordeiro que tira o pecado do mundo (Jo 1.29), as Primícias falam de Jesus como primícia entre os que dormem (1Co 15.20) e o Pentecostes se cumpre no início da igreja. As três últimas festas, seis meses após a Páscoa, tipificam o final dos tempos que vivemos. A trombeta de alerta já foi tocada e estamos na fase do arrependimento, aguardando o cumprimento dos Tabernáculos, quando o Messias se fará presente na terra novamente.

13. Danças: tanto 2Sm 6.14-15 quanto Sl 150.4 comentam sobre a dança de celebração ao Senhor. Não falam de shows evangélicos com ingresso, mas da expressão corporal do povo de Deus nas festas bíblicas.